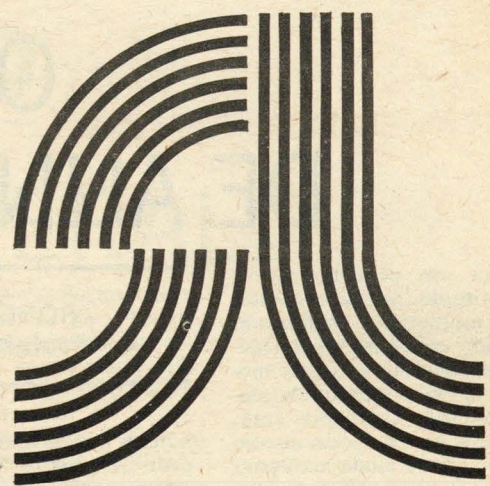
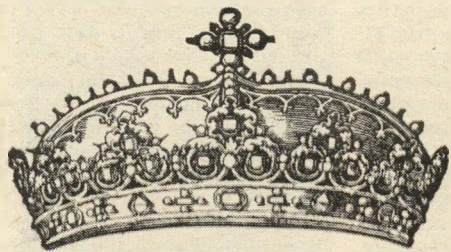


SUPLEMENTO LITERÁRIO

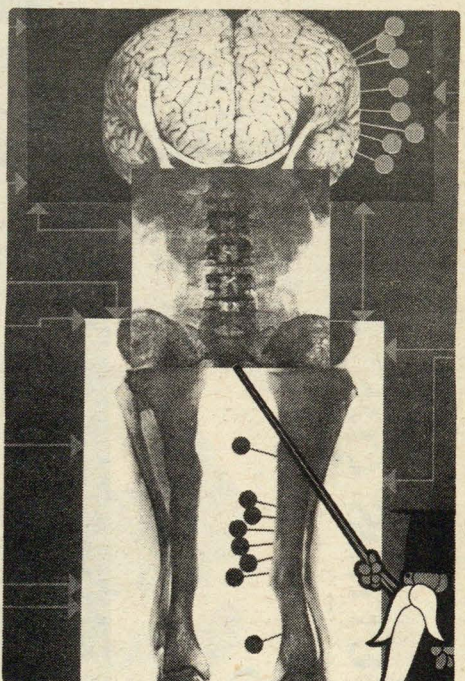
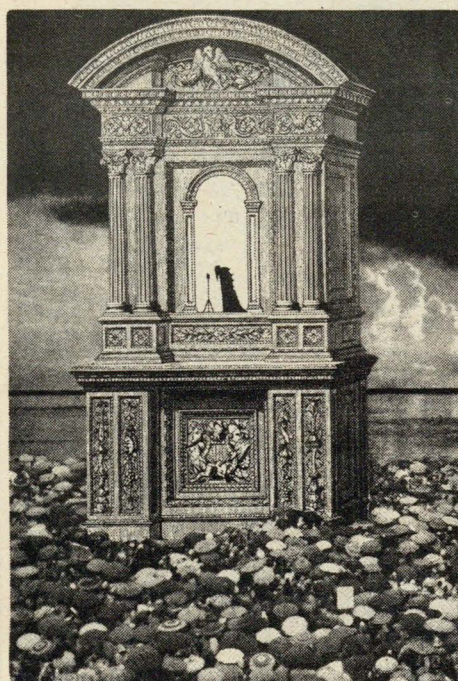
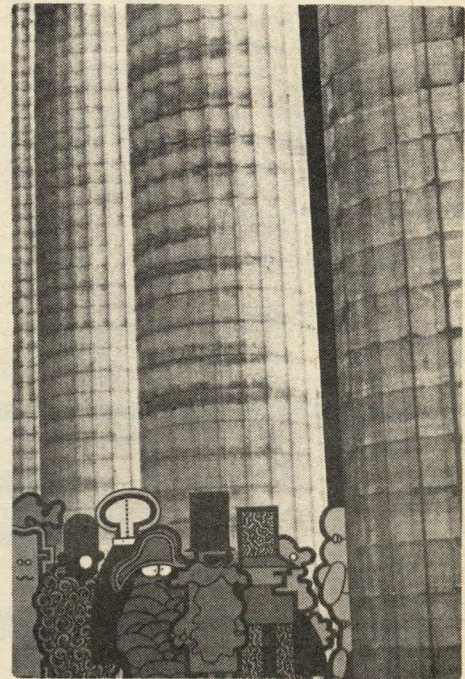
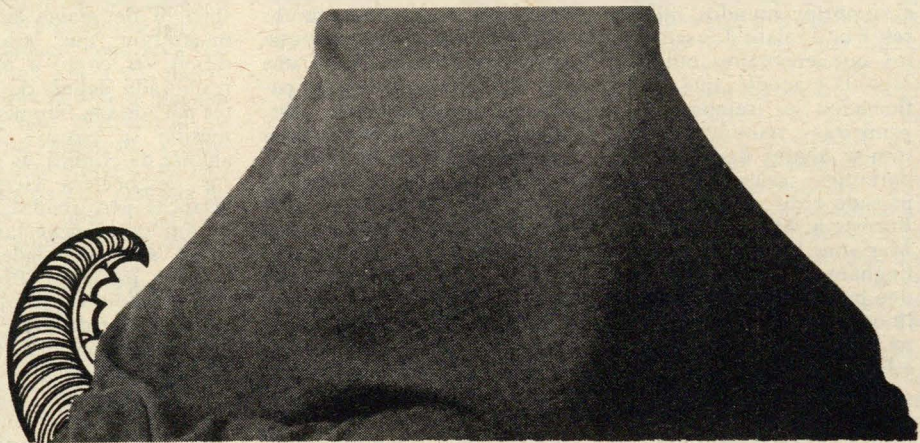
Diário de Lisboa



José Cardoso Pires



DINOSSAURO EXCELENTÍSSIMO



Demasiadamente acatámos a prescrição ora tácita, ora implícita, de que as matérias graves só gravemente podem ser tratadas. Esquecemos o ditame célebre que manda passear uma gargalhada em redor de uma instituição, passear o riso duas, três vezes, até que a instituição dê de si e desabe. Havíamos esquecido um certo Eça, um certo Ramalho, um certo Camilo, e adoptámos para filho querido e herdeiro das mais sisudas tradições nacionais o Conselheiríssimo Acácio, multiplicado num jogo de espelhos que mais não tem feito que distorcer a realidade..

Estava porém prometido á nossa nostalgia de riso um livro que veio a chamar-se «Dinossauro Excelentíssimo». Estava igualmente prometido que esse livro só poderia ter em Portugal um autor: entre os cronistas possíveis do «Dinossauro», apenas Jo-

sé Cardoso Pires possuía o dom do riso rangente que deixa doridos os músculos faciais e muito mais doridos ainda os alvos escolhidos, para o caso o «Dinossauro», a sua aura, o seu mito, a sua insubstância.

Por isso, Cardoso Pires, em comentário paralelo dirigido á Ritinha a quem o livro é dedicado, diz, desta vez muito a sério, porque tudo é afinal grave, doloroso, superlativa aflicção, e por essa verdade digno de riso: «Está escrito pelos gregos antigos que quem muito se olha cega e quem muito se ouve perde a voz. A lição tem mais de mil anos e parece que é de agora. Mas, vê tu, os próprios gregos que a escreveram em forma de fábulas e de lendas, não a souberam seguir. Eles, que eram sábios e avisados, morreram sob o peso dos mitos que inventaram. E por mitos quero eu dizer as imagens com que tentaram expli-

car-se para a Eternidade. Fui claro, Ritinha?»

Cardoso Pires foi claro. Cristalina-mente claro, para além das alegorias metafóras e transposições sem as quais não poderia o livro ir por diante. Cristalina-mente claras são também, mas opressivas, denunciadoras como uma radiografia lívida, as ilustrações de João Abel Manta. «Dinossauro Excelentíssimo» ganhou para todos os tempos futuros, o seu Rabelais e o seu Daumier.

Ficaram misturadas as cronologias: os gregos, o autor de «Gargantua», o desenhador satírico do «Charivari», José Cardoso Pires, João Abel e o «Dinossauro». Que isso nos não confunda. A partir de agora, sabemos como se constroem mitos, como se vive á sombra deles, e como debaixo deles se morre esmagado. Conhecer é a única arma da razão.

HEMINGWAY CONTRA FITZGERALD - PÁG. TRÊS